

PERCEBENDO OS FATORES SÓCIO-CULTURAIS ENVOLVIDOS NA VIOLÊNCIA FAMILIAR

PERCEIVING INVOLVED FACTORS SÓCIO-CULTURAIS IN THE FAMILIAR VIOLENCE

PERCIBIENDO LOS FACTORES SÓCIO-CULTURALES IMPLICADOS EN LA VIOLENCIA FAMILIAR

Elke Thiessen*
Maria de Lourdes Centa**
Maguida Costa Stefanelli***

RESUMO: Este estudo refere-se à violência familiar, pois ela é uma constante no seio das famílias na atualidade. Tem como objetivo compreender como ocorre a violência na família e suas causas, com a finalidade de obter dados para melhor assistir/cuidar das crianças e adolescentes expostos ao risco e/ou vítima de violência intrafamiliar. O referencial metodológico escolhido foi o etnográfico; o cenário, um bairro de Curitiba, cujos moradores possuem renda mensal entre 0-5 salários mínimos. Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista e a observação participante. Na análise dos dados foi possível identificar as seguintes categorias: “reconhecendo-se como violento”, “apontando os outros como violentos”, “relacionando as mudanças do comportamento com o crescimento dos filhos”, e “discutindo as questões de gênero”. Com o estudo destas categorias e nova imersão nos dados que as constituíram, emergiu como tema central: “CONVIVENDO COM A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA”. Os resultados deste estudo mostram que a violência na família existe sob diversas formas, verbal e não-verbal, percebendo-se que existe uma violência velada que não é expressa pelos informantes. Esses resultados evidenciam a necessidade de mais estudos a respeito da violência familiar e de programas de educação continuada, os quais, devem desenvolver-se durante todas as etapas da vida familiar, com a finalidade de conduzir e orientar as famílias sobre a violência latente e/ou manifesta, para que possam minimizá-la, promovendo o desenvolvimento saudável da família.

DESCRIPTORIOS: Família; Violência; Educação em saúde; Organização social.

INTRODUÇÃO

O aumento da violência em nosso país vem crescendo dia a dia, o que está levando políticos, religiosos, profissionais de diversas áreas, como da saúde, justiça, educação a buscarem, junto com a comunidade, soluções para resolver este problema social.

Face a esta situação, fomos impulsionadas a realizar este estudo sobre os fatores sócio-culturais envolvidos na violência familiar, onde tentamos compreender suas causas e ocorrências, com a finalidade de obter dados para melhor assistir/cuidar das crianças e adolescentes expostos ao risco e/ou vítimas da violência intrafamiliar.

Minayo (1990), evidencia o tema “violência” como uma problemática de Saúde Pública, sendo que para preveni-la e combatê-la, temos dois recursos importantes, ou seja, a família e a escola, pois, é nesses locais que acontece a formação cognitiva da criança para a vida adulta. Segundo Lemos (2000), a educação deve ser a principal arma no combate à criminalidade. Para que isso aconteça entidades públicas e sociais estão discutindo sobre o combate e prevenção deste mal, através de reuniões, encontros e congressos cujo objetivo é formular propostas viáveis à serem desenvolvidas, de forma estratégica, adaptada a cada região onde serão implantadas

* Bolsista do CNPq. Membro do GEFASED da UFPR.

** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Titular Visitante do Departamento de Enfermagem UFPR. Membro do GEFASED.

*** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto IV do Departamento de Enfermagem UFPR. Coordenador do GEFASED.

e implementadas. Três fatores são importantes na prevenção e combate a violência, ou seja, mudanças na educação, no ambiente e no cumprimento de compromissos assumidos. A educação deve levar a mudança de atitude, aptidões e conhecimento; no ambiente deverá haver mudança física e social, que proporcione melhor qualidade de vida; o cumprimento dos compromissos assumidos pelas políticas de prevenção e combate à violência, através da implementação de legislação específica.

O aumento da violência nas ruas, escolas e famílias levaram entidades internacionais como OPAS, OMS, OMEP, UNICEF, OPS e ONU a se unirem para promoverem a “Carta pela Paz”, na qual contém princípios que estimulam a união dos cidadãos no mundo à combater a violência e lutar pela paz.

Da reflexão sobre esses aspectos emergiram alguns questionamentos como: 1) Em que perfil de famílias ocorre a violência familiar? 2) Quais os componentes da família mais atingidos pela violência? 3) Que fatores a determinam?

Esses questionamentos nos levam a refletir sobre a violência familiar na atualidade e seu estudo com famílias de um bairro da periferia de Curitiba, nos proporcionará dados para melhor compreender o fenômeno e planejar ações de prevenção e combate a violência intrafamiliar.

OBJETIVO DO ESTUDO

Levando em consideração o exposto e baseado na revisão de literatura, estabelecemos como objetivo deste estudo: Compreender os fatores causadores de violência nas famílias, e sua ocorrência em um bairro da periferia de Curitiba, com a finalidade de melhor assistir/cuidar de crianças e adolescentes expostas ao risco ou vítimas de violência intrafamiliar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A família é uma instituição social, destinada ao cuidado e a socialização das crianças, constituída de pessoas unidas por laços de afetividade, onde deve haver espaço para o diálogo e troca de carinho, de amor e esforços para atingir objetivos comuns (Miotto, 1999). Para Alves (1999), ela é o agente principal da socialização de crianças, é quem determina as práticas educativas de sua prole, o ambiente em que irão viver, estabelecendo formas e limites para as relações e interações entre seus membros.

Segundo Costa (1999), a violência, enquanto uma das manifestações da “doença do amor relacional” humano, está diretamente relacionada à “alienação ou à incapacidade” construída de poder dizer ao outro: EU TE AMO!, seja este quem for: pais, mães, filhos, irmãos, cônjuge ou Deus. Crianças que crescem em um ambiente em que o padrão de sociabilidade é a violência, não saberão se expressar de outra forma a não ser com violência. Essas crianças provavelmente farão parte do mesmo ciclo vicioso vivido por seus pais e avós, perpetuando relações familiares baseadas na agressividade e na imposição que podem gerar graves efeitos pessoais, sociais, econômicos e ambientais.

A família brasileira enfrenta diversos fatores causadores de violência como: a pobreza, a miséria, os meios de comunicação de massa, a frequência cada vez maior de contingente feminino trabalhando fora de casa e vida profissional. Num espaço de quatro à cinco décadas, a autoridade passou de extremamente valorizada a criticada e abandonada; a afetividade caracterizada antes por sentimentos fortes, altamente elaborados, justificados e duradouros, mas contidos por normas rígidas, desloca-se para a expressão livre, momentânea de estados emotivos exacerbados; a exigência da educação, demonstrando que ocorreu uma mudança de valores na educação dos filhos (Alves, 1999).

Segundo autores como: Nolasco, (1996); Caldana, (1998); Romanelli, (1995); Perrot, (1991); Figueiredo; Alves, (1999), antigamente os filhos eram educados com severidade pelas famílias, mesmo que extensa, pois isto garantia o controle e permanência de valores e princípios transmitidos à criança através de gerações. Para isso, os pais agiam através do medo e das punições físicas, gerando obediência cega, visando moldá-las à auto-disciplina.

A partir da década de 70, a violência passou a ser uma das principais causas de morbi-mortalidade, principalmente na população de adolescentes e adultos jovens das grandes cidades. Pesquisadores da área

da saúde sugerem que a violência interpessoal e as negligências que ocorrem no ambiente familiar sejam responsáveis por grande parte desses atos violentos. (Reichenheim; Hasselmann; Moraes, 1999).

O sentimento de temor e insegurança é difuso, generalizado e alimentado pela engrenagem alucinante que isola os indivíduos, enfraquece os laços do homem com a comunidade e fragmenta o ser humano. A ruptura do equilíbrio psicológico, que a agitação da cidade provoca também produz desgraças domésticas. Mulheres e filhos espancados, cenas de violência que, não raro, acabam nas delegacias e terminam, muitas vezes, em crimes contra a própria família. As mulheres tem sido, estatisticamente, as maiores vítimas de companheiros perturbados pelo descontrole emocional e, freqüentemente, por graves desequilíbrios psíquicos. Mas a violência produzida por mentes perturbadas, numa sociedade que fabrica neuroses, por aviltar a vida de seus cidadãos, muitas vezes não vem a público, fica guardada nos registros das delegacias de polícia e, muitas vezes, sequer são denunciadas. É uma sociedade que agride, violenta, dá muito pouco a seus indivíduos e cobra caro pelo simples espaço de sobrevivência, segregando alguns e privilegiando outros; que produz imensas riquezas à custa do esforço de muitos e as distribui injustamente em benefício de poucos; que impõe à grande maioria, o dever de sobreviver para continuar produzindo bens que não usufrui; submetendo-se a espoliação da saúde, do bem-estar, do equilíbrio físico e psíquico: a fragmentação da vida. A violência da sociedade brasileira está na raiz de sua formação e caracteriza a opressão das classes dominantes, da escravidão, da Colônia à Independência, da Monarquia à República, e é responsável pelos desempregos em larga escala das camadas pobres, que entram nas classes "perigosas" pensando estarem salvas do sufoco a que são submetidas (Pires, 1997).

Para referir-nos a violência doméstica no Brasil, não podemos deixar de refletir sobre seu panorama sócio-econômico-político. Entre 1945 a 1980 a sociedade brasileira conheceu taxas bastante elevadas de crescimento econômico e sofreu profundas transformações estruturais. Ficou para trás a sociedade predominantemente rural, cujo dinamismo fundava-se na exportação de produtos agrícolas, emergindo a sociedade urbana industrial, a qual alterou a estrutura de emprego e das ocupações, modificando a estrutura de classes, sendo que no final da década de 70 o Brasil, já possuía problemas de dívida externa, déficit fiscal, sendo que a crise da nossa economia estava vinculada a um processo de transformação, mais amplo, no âmbito da economia mundial.

Negar ao cidadão o direito de possuir uma casa, de ter trabalho, e acesso a saúde, são formas contundentes de negar-lhes o direito à vida na sociedade. O indivíduo sente-se um corpo estranho e é atingido na sua existência enquanto ser social, pois, viver para ele é sobretudo, lutar com suas próprias forças para sobreviver. Neste contexto, a vida social, política e as atividades econômicas funcionam como elementos que agredem o modelo de família e atingem a identidade pessoal e familiar, provocando desagregações, desajustes e desequilíbrios. O estresse torna a vida familiar muitas vezes insuportável, reduz o limiar de tolerância e começam as agressões, as violências, as separações e a introdução no mundo das drogas e do álcool. As casas tornam-se, facilmente, lugares de passagens de maridos e padrastos provisórios, de cada relacionamento fica algo: um casebre, um filho, uma cicatriz; e cada família constrói uma história baseada na seqüência de sofrimentos e de sentimentos de exploração, de abandono e injustiça (Barreto, 1999).

As relações familiares, entretanto, são construídas no dia a dia, os filhos precisam de um ambiente que lhes permita a livre expressão de sentimentos, dúvidas, desejos e temores, mas eles também precisam de limites e reconhecer que na estrutura familiar todos têm direitos e deveres.

Isto é preconizado pela Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, em seu Art. 227: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão". A estrutura familiar e o contexto no qual está inserida na sociedade, influem nos relacionamentos entre os que compõem a família.

Segundo autores como Michaud (1989); Amoretti (1992); Sá (1999); Costa (1986); Ferreira (1986), a violência é uma força que se exerce opressivamente sobre outrem, causando-lhe danos diversos, vem sempre carregada de desejo, consciente ou inconsciente, às vezes irresistível, ou com componentes de coerção, penetração, destruição. Estes autores ainda definem a violência como toda infração contra outrem, independente de usar a força ou a intimidação.

Para Elsen (1999), a violência doméstica é um problema real enfrentado todos os anos por milhares de crianças e adolescentes brasileiros, não atingindo apenas meninos e meninas de baixa renda, mas também todas as outras classes sociais, independentes de raça ou religião. Ela decorre também da quebra de comunicação em todos os níveis: entre jovens e velhos, pais e filhos, estudantes e professores, vizinhos e culturas.

Para Veronese (1999), no Brasil, na relação pobreza e violência, não podemos culpabilizar única e exclusivamente a família por tudo o que acontece. Deve-se analisar que a família está inserida numa realidade político-sócio-econômica, mergulhada, no caso brasileiro, numa sociedade capitalista, extremamente excludente, espoliadora, muitas vezes não percebendo a real situação da questão social. Para este autor, a violência doméstica intrafamiliar é a que marca mais profundamente o ser humano. Ela acontece principalmente por três motivos e de diferentes formas. Entre os motivos temos: 1) abuso de poder do mais forte contra o mais fraco; 2) a reprodução da violência, ou seja, pais que quando crianças também foram maltratados; 3) a situação de pobreza e miséria em que se encontra a família (habitação, emprego, fome, saúde).

Para a Pastoral da Criança (1999), a violência doméstica acontece principalmente através de violência física (maus-tratos); violência psicológica (emocional); violência por descuido, abandono ou negligência (ausência de escola, de moradia, de saúde e mais uma lista de atentados à cidadania); violência sexual (abuso sexual); trabalho infantil (exploração de mão-de-obra).

Para tentar minimizar os problemas de violência, na década de 80, instituíram-se a “Política Nacional de Bem-Estar do Menor” e o “Código de Menores” enquanto ordenamento do regime autoritário. Ao lado disso, ampliam-se as denúncias sobre a gravíssima situação enfrentada pela infância brasileira, bem como a constante violação de seus direitos.

A atenção organizada para assistir às crianças mais empobrecidas, através da Assistência Comunitária – Pastoral do Menor, tem como meta o trabalho relativo a cidadania da criança, ou seja, resgatar a cidadania do brasileiro através do reconhecimento dos direitos da criança. A Rede-Criança atuou basicamente através de quatro grandes projetos: atender pessoas violentadas; capacitar profissionais para trabalhar, junto à infância e adolescência, a questão da violência doméstica; prevenir a violência; pesquisar através de intercâmbio com outras instituições.

Nos anos 90 os programas voltaram-se mais para a área da violência sexual, reduzindo-se o interesse pela problemática da violência física. Algumas experiências voltadas à violência sexual foram de certa forma influenciadas pelo movimento feminista o qual sempre levantou sua bandeira de luta em torno deste fenômeno. Em termos de governo observa-se a existência de programas que abordam diretamente a violência doméstica ou incluem seus objetivos. Estes programas, na maioria das vezes, atuam a nível curativo, em detrimento da prevenção. Acreditamos que ao governo cabe implantar uma política centrada na concepção de violência doméstica, contra crianças e adolescentes, enquanto fenômeno multifacetado bio-psico-sócio-cultural, dependente da interação indivíduo-sociedade, que privilegie a formação de profissionais mais preocupados em prevenir a violência doméstica do que em atuar como “ socorristas de vítima”.

Deve-se, enfim, colocar em prática uma política integrada, descentralizada, capaz de intervir eficazmente na “história natural” da violência doméstica contra crianças e adolescentes, a partir de uma articulação entre os poderes do Estado e da Sociedade Civil, através de uma política preocupada com a própria avaliação, em termos de eficiência, eficácia e resolutividade com a preservação, por parte dos profissionais, da capacidade de indignar-se com a violência contra crianças e adolescentes. Esta política deve estar voltada à proteção efetiva das vítimas e ao combate sistemático à impunidade dos agressores domésticos, comprometida com a defesa intransigente do direito das crianças e adolescentes à vida, à segurança e liberdade, e, portanto, com a criação de uma nova cultura da infância e da adolescência: a cultura da criança e do adolescente cidadãos.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

Ao delinear o presente estudo optamos pela pesquisa qualitativa com base nas afirmações de Minayo (1994), quando refere que ela favorece o aprofundamento do significado das crenças e dos valores dos indivíduos, permitindo o conhecimento do significado das ações e das relações humanas, proporcionando ao pesquisador o conhecimento da dinâmica e da estrutura da situação em estudo, sob o ponto de vista de quem a vivência.

Optamos pelo método etnográfico, por ser aquele que permite ao pesquisador não só apreender o significado que as pessoas atribuem aos acontecimentos de sua vida diária como, também, aprender e compreender suas crenças, valores, atitudes e padrões de comportamento.

Este método é visto por Leininger (1985), como um processo sistematizado de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar o estilo de vida ou padrões específicos de uma cultura ou subcultura, com a finalidade de aprender o seu modo de viver, em seu ambiente natural.

Para esse autor, a cultura é o conhecimento adquirido que as pessoas usam para interpretar sua experiência e gerar comportamento social, sendo que um dos seus principais aspectos é a divisão, do mundo e das pessoas que nele habitam, em categorias sociais. Ela considera a importância da etnografia para a enfermagem, pois é um método eficaz para a compreensão de fatos, sentimentos, visão de mundo e inúmeras outras informações que possibilitam a revelação do modo de vida e o mundo real das pessoas, proporcionando a compreensão de símbolos, rituais e padrões culturais que vivenciam, oferecendo assim subsídios para um cuidado humanizado, personalizado.

Neste estudo foi adotado o que Leininger chama de etnoenfermagem, porque “étno” vem do grego “ethos” e refere-se à pessoas ou culturas com seus meios de vida, e o sufixo enfermagem foi essencial para dar enfoque à pesquisa de enfermagem onde se busca trabalhar com temas relacionados a aspectos humanísticos e científicos do cuidado humano, bem-estar e saúde nos diferentes contextos ambientais e culturais (Leininger, 1990, 1988).

A etnoenfermagem requer que o pesquisador desloque-se aos locais naturais e familiares das pessoas, para estudar o cuidado humano e relacioná-lo ao fenômeno de enfermagem, o qual deverá ser focado sob a vista dos conhecedores locais e de suas experiências vividas (Leininger, 1991).

ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa segue o contido na Resolução n.196/96 (Brasil, 1996), que regulamenta a Pesquisa em Seres Humanos. Foi utilizado o consentimento livre assinado, obtido após esclarecimentos sobre como seria realizado o trabalho, ou seja, foi explicado a cada informante, em potencial, sobre os objetivos e a natureza do estudo, direito de opção pela participação ou não, o sigilo das informações, anonimato, participação livre de ônus e acesso aos resultados da pesquisa. O gravador foi utilizado, após o consentimento dos sujeitos deste estudo.

CENÁRIO DA PESQUISA

As famílias, informantes deste estudo, moram em uma vila na periferia de Curitiba, numa área de invasão. Suas casas são de madeira, possuem em geral 3 a 4 peças, com banheiro dentro de casa. Neste local não existe saneamento básico, as pessoas obtém água em uma “bica d’água” para o consumo diário, localizada no centro da vila e o esgoto é a céu aberto. A energia elétrica não alcança todas as casas, sendo que algumas famílias fazem ligação clandestina direto do poste de luz. O lixo é depositado em uma caçamba, no centro da vila, onde é recolhido semanalmente pela prefeitura. Alguns moradores optam por queimá-lo.

Na vila existem várias igrejas evangélicas, e uma creche onde são celebradas as missas e outros rituais católicos. A creche não está em funcionamento, mas o local é utilizado para outras atividades, como o projeto de extensão da UFPR “Saúde Mental e Meio Ambiente”, o qual tem como atividades o desenvolvimento psicomotor das crianças. Nela também funciona o curso de computação, uma panificadora, uma granja e um atelier de artesanato, como fonte alternativa de renda. Uma equipe de auxiliares de enfermagem da Unidade de Saúde, mais próxima à vila, presta assistência aos hipertensos e a Pastoral da Criança cuida das crianças desnutridas. Existem muitos bares, dois campos de futebol, ruas sem asfalto, não tem escola e nem unidade básica de saúde.

APRESENTAÇÃO DOS INFORMANTES

As famílias são compostas de 05 a 06 pessoas, sendo objeto este estudo 08 famílias nucleares e 06 famílias extensas. Dentre as 08 famílias nucleares: duas são formadas por casais idosos, vivenciando o segundo ou terceiro casamento, onde em uma delas o marido é alcoolista. Duas são constituídas por casais jovens, sendo que um deles possuem um filho, vivem bem, tem bom relacionamento; o outro casal relata história de separação e consequência do alcoolismo de um dos cônjuges. Quatro famílias tem de três à cinco filhos. Nelas percebe-se a presença da disciplina, e de carinho e bons tratos entre pais e filhos. As famílias extensas caracterizam-se por mais de uma geração morando na mesma casa, sendo que em duas delas, encontra-se mães solteiras (filhas); filhas casadas morando na casa dos pais com um filho; a avó fazendo parte da família; e família constituída por casal em que cada um trouxe um filho do casamento anterior.

OBTENÇÃO DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista aberta e a observação participante.

A etnografia prevê a convivência do pesquisador com os informantes no ambiente natural do grupo em estudo, possibilitando-lhe escutar, observar e participar de seu mundo, para descobrir a maneira adequada de obter os dados e aprender a selecioná-los com o objetivo de construir categorias.

Caminho percorrido

Para realizar a pesquisa observou-se e entrevistou-se famílias cujas casas foram escolhidas aleatoriamente. Ao abordar o chefe da família, foi explicado os objetivos deste estudo e feito o convite para que participasse do mesmo. Se concordasse solicitava-se que assinasse o termo de consentimento livre e esclarecido e iniciava-se a coleta de dados, ali mesmo, ou dentro da casa quando era convidado à entrar. As entrevistas foram respondidas em sua maioria, pelas mulheres e foram gravadas após o consentimento do entrevistado. Ela seguia um roteiro preestabelecido sobre: relacionamento familiar, comunicação familiar, demonstração de amor. As observações foram registradas em diário de campo, no qual anotavam-se também, os questionamentos surgidos durante as entrevistas.

ANÁLISE DOS DADOS

Após a obtenção dos dados, sua leitura, análise, discussão e reflexão foram construídas as categorias apresentadas a seguir, das quais emergiu o tema cultural.

REAGINDO A INDISCIPLINA DOS FILHOS

Os pais tendem a ficar irritados quando os filhos são indisciplinados e isso leva a alteração de humor e da paciência, o que somados aos fatores sócio-culturais e, principalmente, econômicos, gerados pela situação em que vivem, podem produzir atos de violência. Eles relatam que há uma melhora no relacionamento com os filhos, quando estes ficam mais velhos, e passam a ser mais obedientes porque entendem melhor a conduta dos pais. As mães relatam que quando os filhos desobedecem, elas ficam irritadas e até violentas mas procuram conversar com calma e explicar a situação. Geralmente elas brigam, batem e aderem ao castigo.

“Quando eles incomodam aí, eu até às vezes, fico muito irritada e grito com eles, às vezes, eu bato neles também, mas não sempre, porque estão crescendo e estão melhorando e a gente explica para eles, ensina eles a orar e fala para eles que Deus não gosta que responda assim as pessoas, não pode bater nos outros, que eles sempre brigam, eles brigam muito, agora eles estão parando mais.”(Margarida)

“Quando eles não se entendem eu brigo com eles, eu pego e dô um tapa na bunda, e digo: “não quero que faça isso”, ponho sentado, e fica ali sentado, deixa um pouco e daqui a pouco eu digo, vai brincar e nada de briga, daí não brigam mais.”(Rosa)

“De vez em quando não fazem o que o pai pede, daí ele conversa, briga e deixa de castigo, coloca na parede por meia hora e depois ele pega e conversa devolta, se não dá resultado ele tira algumas coisas deles, proíbe de assistir TV algumas horas a noite, ele não deixa eles assistirem os filmes que eles gostam.”(Dália)

“Sento para conversar, explica”(Amor Perfeito)

RECONHECENDO-SE COMO VIOLENTOS

Houve mulheres que relataram que corrigem seus filhos com palmada ou outro tipo de agressão física e não consideram isso como agressão. Elas batem, brigam e discutem, quando acham que é necessário ou quando perdem a calma. Isso é gerado por situações especiais como gravidez e falta de controle emocional. Confessam que, geralmente, são menos pacientes que seu cônjuge, que convivem mais com os filhos, e por isso acabam assumindo a disciplina das crianças. Isso vem corroborar com Pikunas (1979), quando refere que é a mãe que educa e socializa os filhos na família.

“Quando estava grávida brigada bastante, batia nas crianças, ficava fora do sério.”(Orquídea)

“Fico em casa cuidando deles, eles me deixam fora de sério, e às vezes bato neles, mas o meu marido não, ele nunca bate neles. Só fala, ensina.”(Bromélia)

“Quando precisa dar umas palmadas, daí é eu que brigo, ele só fala.”(Rosa)

“Às vezes eu fico braba, pare de “encher o saco”, estou ocupada, às vezes eu brigo, com palavras, eu não sou muito de querer bater nela, sou menos agressiva que o meu marido, porque ele já não tem tanta paciência como eu. Eu tenho mais paciência, é mais com palavras e conselhos que a gente se acerta.”(Violeta)

“Bati no meu filho por causa que ele fala sobre sexo. Aí meu marido falou que não tem que bater, tem que explicar que não é para falar esse tipo de coisa.”(Dália)

O ÁLCOOL COMO CAUSADOR DE VIOLÊNCIA FAMILIAR

Há relatos de que um dos cônjuges é quem briga e bate mais nos filhos, o que é agravado pelo alcoolismo. Nota-se, que a violência familiar está fortemente relacionado ao uso do álcool, pois ele é causa desencadeante de alteração de humor e de conduta. Nos relatos podemos verificar que existem denúncias de pessoas violentas, que a violência existe, mas, também, que há pressão para que o violentador não seja acusado deste tipo de ação, pois a violência familiar não ocorre só com os filhos mas também entre o casal.

“ Quando ela bebe, ela acha que sabe tudo e só ela que tem razão.”(Lírio)

“Meu pai, bater mesmo era difícil, ele bebia, só quando ele ficava bêbado, queria bater, ele achava que sempre tinha razão, qualquer coisa que a gente fazia estava errado.”(Cravina)

“ O meu filho de 9 anos é meio rebelde, ele é muito desobediente, não obedece nem pai, nem mãe, aí estamos tentando endireitá ele, nós conversa bastante, levo ele na igreja, ele é meio rebelde porque eles ficaram 9 meses no orfanato, acaba tendo um problema com vingança, o meu marido tinha problemas com álcool e foi internado para tratamento”.(Camélia)

“Pouco tempo atrás, antes deles se separarem era legal, eles não brigavam, aí depois começaram a brigar, meu pai perdeu o emprego, ficava em casa, ficava bebendo, ela não gostava ficava braba.”(Anamáris)

“Nossa relação é mais ou menos, a gente vive bem, o que atrapalha um pouco é a bebida, ele bebe, então fica ... às vezes é complicado, ele já não é que nem antes, fora da bebida, fica meio agressivo, com palavras, no modo de falar.”(Gérbera)

MÃE MALDOSA

Neste estudo pode-se observar que a prática da violência familiar tem, geralmente, o homem como elemento paciente com a esposa e filhos, isso se deve, talvez, a nossa herança cultural, que coloca a mulher como mãe, rainha do lar e submissa ao seu homem, a quem deve respeito e obediência, escondendo inclusive suas agressões físicas, psicológicas e morais. Há, entretanto, um grupo de mulheres que estão reagindo a essa posição e mantendo relacionamentos diferenciados, denunciando agressões recebidas, como pode-se observar nas falas.

“Entre tapas e beijos ... eu lavo os pés dele, dô comida e arrumo a cama e ele, em troca recebo esbofetadas, facadas e pancadas.”(Mosquitinho)

“A minha irmã já é meio assim, ela é mais rebelde, faz tudo quanto é coisa, não liga quando minha mãe vai falar: “não faça isso, está errado”, já ela começa a gritar, levanta a voz e falava que todo mundo quer se meter na minha vida, fazia o que ela queria.”(Boca de Leão)

“ Ele tem vez que grita e responde, mas ele não é de ficar batendo”.(Camélia)

TEMA CULTURAL

Após a análise dos dados e construção das categorias chegou-se ao tema cultural deste estudo o qual é “CONVIVENDO COM A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA”. Emergiu dos descritores, nos quais a violência familiar, foi descrita sob vários enfoques, tornado-se evidente sua existência no convívio familiar, exteriorizando-se sob as mais diferentes formas, segundo o significado à ela atribuído, dependendo de suas causas.

Na descrição feita pelos informantes e com base nas observações realizadas, percebemos que a existência da violência está relacionada com o comportamento dos filhos, com a insegurança dos pais frente à assuntos que não dominam, uso de álcool, desemprego, poucos recursos econômicos e a questão de gênero.

O uso abusivo de bebida alcoólica é fator preponderante de violência na família em nossa sociedade. As pessoas sob o efeito do álcool perdem o controle da situação e podem agredir indiscriminadamente os membros de sua família gerando um estado de ansiedade e medo constante.

A dificuldade de educar os filhos é expresso pela rebeldia, briga entre irmãos e problemas de sexo.

Este estudo permite perceber as diferentes formas de manifestação de violência ocorridas nas relações familiares. Ela é manifestada verbalmente através de gritos, discussões, castigos e agressão física. Há também, casos de crianças que presenciam a violência entre os pais e, ou adultos, o que pode causar traumas os quais os acompanharão em todo curso de suas vidas.

O enfrentamento dos problemas familiares aponta-nos para a necessidade de políticas que desenvolvam projetos voltados para assistir a família tanto na prevenção como no combate à violência, o que exige trabalho multidisciplinar, pois envolve necessidades bio-psico-social-espiritual.

FINALIZANDO A REFLEXÃO

Percebe-se o uso de formas não adequadas de comunicação no relacionamento familiar como desconfirmação e dupla mensagem, o que ocasionam violência, pois a reação dos adultos é manifestada através da agressão física ou verbal. Este procedimento nega aos outros o direito de existir como cidadãos, provocando medo e incerteza nos filhos quanto aos sentimentos que nutrem entre si.

Esses resultados evidenciam a necessidade de mais estudos a respeito da violência familiar e de programas de educação em saúde, entre outros, sobre como evitar a violência familiar. Este programa deve iniciar-se desde a mais tenra idade e desenvolver-se durante todas as etapas da vida familiar, com a finalidade de conduzir e orientar as famílias sobre formas de evitar a violência, latente e manifesta, promovendo o desenvolvimento saudável.

Frente a esta problemática, o enfermeiro necessita conhecer as causas da violência familiar, para poder atuar com responsabilidade e eficiência, minimizando seus efeitos. Ela estabelece-se na intimidade do

lar, fazendo com que o profissional de Enfermagem interaja com a família para, posteriormente, poder ajudá-la com eficiência, responsabilidade e ética, ocupando seu espaço, implementando ações preventivas, curativas e educacionais, junto às famílias em situação de negligência, bem como em outras situações de risco.

CONCLUSÃO

É muito importante o desenvolvimento de projetos interdisciplinares de assistência e pesquisa à família, a participação dos enfermeiros em instâncias administrativas onde são tomadas decisões sobre políticas e programas, envolvendo a violência familiar. Este profissional deve planejar, implementar e avaliar novas metodologias de cuidar/assistir as famílias, com o objetivo de prevenir ou minimizar os problemas que causam ou que são causados pela violência familiar.

ABSTRACT: This study to refer to the familiar violence, therefore it is a constant in the ambit of the families. Has objective to understand as the violence in the considered family and its factors occurs, with the purpose to get given better to care of the children and adolescents displayed to the risk and/or victim of intrafamiliar violence. The metodologic referencial was the etnográfico; the scene, the ward of Curitiba, whose inhabitants belong to the social classroom C., or either, possess monthly income between 0-5 minimum wages. The instruments of collection of data had been the interview and the participant comment. In the analysis of the data it was possible to identify the following categories: "Recognizing as violent", "pointing the others as violent", "relating the changes of the behavior with the growth of the children", and "discussing the sort questions". With the study of these categories and new immersion in the data that had constituted them, it emerged as central subject: Acquaintancing with the violence in the family. The results of this study show that the violence in the family exists under diverse forms, verbal and not-verbal, perceiving that a guarded violence exists that is not express for the informers. These results evidence the necessity of more studies regarding the familiar violence and of programs of continued education, which, must develop during all the stages of the familiar life, with the purpose to lead and to guide the families on the latent and/or manifest violence, so that they can minimize it, promoting the development of the family healthful.

KEY WORDS: Family; Violence; Health education; Social organization.

RESUMEN: Este estudio refiere a la violencia familiar, porque esta es una constante en el ambito de las familias. Tiene el objetivo de entender como ocurre la violencia en la familia y sus factores, con el propósito de conseguir mejorar el cuidado de los niños y de los adolescentes expostos al riesgo y/o a la víctima de la violencia intrafamiliar. El referencial metodologic fue el etnográfico; el escenario, barrios de Curitiba, cuyos habitantes pertenecen a la clase social C., o sea, poseen renta mensual entre 0-5 salarios mínimos. Los instrumentos de la recogida de datos habían sido la entrevista y el observacion participante. En el análisis de los datos era posible identificar las categorías siguientes: "Reconociendo-se como violento", "apontando los otros como violentos", "relacionando los cambios del comportamiento con el crecimiento de los niños", y "discutiendo las questiones de clase. Con el estudio de estas categorías y nueva inmersión en los datos que los habían constituido, emergió como tema central: Conviviendo con la violencia en la familia. Los resultados de esto estudio demostraram que la violencia en la familia existe bajo formas diversas, verbal y no-verbal, percibiendo que existe una violencia guardada que no es expresa para los informadores. Estos resultados evidencian la necesidad de más estudios con respecto a la violencia familiar y de los programas de la educación continuada, que, debe desarrollar durante todas las etapas de la vida familiar, con el propósito de conducir y de dirigir a las familias en la violencia latente y/o manifesta, de modo que puedan reducirla al mínimo, promoviendo el desarrollo de la familia saludable.

PALABRAS CLAVE: Familia; Violence; Educación en salud; Organización social.

REFERÊNCIAS

- 1 AZEVEDO, M. A. et al. Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- 2 BARRETO, A. Prevenindo a violência na família e na comunidade. Texto & Contexto Enferm., Florianópolis, v.8, n.2, p. 139-48. mai./ago. 1999.
- 3 BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.196 de 10 de outubro de 1996: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa com seres humanos. Brasília, 1996.
- 4 COSTA, I.I. Família, violência e incompreensões: Uma reflexão ético-relacional. Texto & Contexto Enferm., Florianópolis, v.8, n.2, p. 282-6. mai./ago. 1999.
- 5 LEININGER, M.M. Ethnomethods: the philosophic and epistemic base to explicate transcultural nursing knowledge. J. Transcul. Nurs., v. 1, n.2, p.40-51, 1990.
- 6 LEMOS, J.M. Reunião faz proposta contra a violência. Gazeta do Povo, Curitiba, 9 jul. 2000. caderno 1, p.24.
- 7 MIOTO, R.C. As famílias hoje. Texto & Contexto Enferm., Florianópolis, v.8, n.2, p. 211-228. mai./ago. 1999.
- 8 PASTORAL DA CRIANÇA. A paz começa em casa. 2.ed. Curitiba, 1999.
- 9 PIKUNAS, J. Desenvolvimento humano: uma ciência emergente. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1979.
- 10 PIRES, C. Violência no Brasil 15.ed. São Paulo : Moderna, 1985.
- 11 TANIGUCHI, M.K. A Família como foco de atenção das políticas públicas. Palestra proferida na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 01 ago. 2000.
- 12 VARELA, Z.M.V. A violência no cotidiano da vida familiar. Texto & Contexto Enferm., Florianópolis, v.8, n.2, p.183-88. mai./ago. 1999.
- 13 VERONESE, J.P. Criança, família e violência: A necessária formulação de políticas públicas. Texto & Contexto Enferm., Florianópolis, v.8, n.2, p. 115-24. mai./ago. 1999.